

ENTREVISTAS

É com grande satisfação que apresentamos a seção de entrevistas deste volume dedicado à aquisição de linguagem. Três talentosas pesquisadoras do país, Mary Kato, Leticia Sicuro Corrêa e Ruth Lopes, generosamente compartilham conosco e com nossos leitores suas opiniões e visões sobre a pesquisa na área de aquisição de linguagem, os desafios enfrentados por pesquisadores da área, a relação da aquisição com a educação, dentre outros temas.

As editoras

Profa. Dra. Mary Aizawa Kato

A professora Mary Kato possui graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (1957), mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (1969) e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1972). Realizou diversos pós-doutorados: na Universidade de Harvard, na UCLA, na USC, na U. de Maryland e na NYU. Atualmente é professora titular aposentada da Universidade Estadual de Campinas, onde é professora colaboradora voluntária. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: português brasileiro e português europeu, sintaxe, aquisição e mudança linguística. Foi a fundadora da Revista DELTA, onde ainda faz parte da Comissão Executiva. Orientou 28 doutores e 40 mestres em linguística. É pesquisadora I-A do CNPq.

Profa. Dra. Leticia Maria Sicuro Correa

A Professora Leticia Correa obteve PhD. na University of London (LSE), em 1986. Desde então é professora da PUC-Rio, atuando na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos da Linguagem. Fundou e coordena o LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem). Coordenou o GT (Grupo de Trabalho) de Psicolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), de 1988-2002, atuou como coordenadora da área de Letras e Artes da FAPERJ, de 1995 a 1999, e como membro titular do Comitê Assessor de Letras e Linguística do CNPq, de 2012 a 2015. Foi pesquisador-visitante no então Laboratoire de Psychologie Expérimentale (Université Paris 5) em 2003 e 2005. Como coordenadora do GPPAL (Grupo de Pesquisa em Processamento e Aquisição da Linguagem), desenvolve um programa de pesquisa que integra teorias psicolinguística e linguística (na vertente minimalista) em três eixos: (i) relação processador-gramática; (ii) aquisição da linguagem como processamento de informação das interfaces; (iii) a natureza do DEL (Déficit ou Distúrbio Específico da Linguagem), suas manifestações no português brasileiro e relação com problemas secundários de linguagem e procedimentos de intervenção, em vertente mais aplicada. Tem particular interesse em custo de processamento e suas implicações, e em relações de interface entre sintaxe e discurso. No que concerne ao DEL, presta assessoria em projeto da Universidade Nova de Lisboa e da Universidad del

Litoral, Santa Fé, Argentina. No ano de 2016, atuou como pesquisadora visitante na Universidade Nova de Lisboa. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B.

Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

A professora Ruth Lopes possui Bacharelado em Letras - tradução - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982), mestrado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem também pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Fez seu primeiro pós-doutorado na University of Maryland at College Park (2001-2002), o segundo, em 2010, na University of Massachusetts (Amherst) e o terceiro, em 2013, na University of Chicago. É Professora Associada (MS 5.2) da Universidade Estadual de Campinas, tendo feito a Livre Docência em 2012 com o trabalho «Nos contornos da sentença: ensaios sobre aquisição da linguagem». Sua pesquisa concentra-se em aquisição de sintaxe e fenômenos de interface sintaxe-semântica a partir da teoria gerativo-transformacional e em sintaxe do português brasileiro. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D.

Entrevista com Mary A. Kato (UNICAMP)

1. Você acredita que haja convergências entre algumas abordagens para o estudo da aquisição da linguagem em voga hoje no Brasil? Em que direção há aproximações ou distanciamentos?

Segundo minha própria experiência no Brasil, na UNICAMP, quando se partilha um mesmo *corpus*, pode, sim, haver várias convergências. Em especial, as interpretações semânticas primárias (proposição, pergunta, negação, etc) e a produção fonética/fonológica são, em geral, convergentes.

Temos na UNICAMP o *Corpus de aquisição*, montado pela Professora Cláudia Lemos e seu grupo sócio-interacionista, de que fiz uso várias vezes. Embora eu e meus alunos tenhamos trabalhado estritamente na perspectiva da *Sintaxe Gerativa* e a professora Cláudia tenha sido mais funcionalista, na tradição britânica, nossos instrumentos básicos com que qualquer linguista de tradição estruturalista trabalha são os conceitos metodológicos de distribuição, pares mínimos, noções de classes de palavras etc.

Os distanciamentos começam com as hipóteses e as interpretações em relação ao que a criança faz. E aí, as diferenças podem ser substanciais. Poderíamos dizer que se não existisse uma disciplina como a linguística, a gramática gerativa poderia ser uma sub-disciplina da biologia, enquanto o sócio-interacionismo poderia ser uma sub-disciplina da sociologia.

2. A pesquisa em aquisição da linguagem tem vocação para aplicação em educação?

Qualquer conhecimento científico pode ter aplicação em educação, mas para isso é preciso haver uma pessoa que faça a ponte entre quem faz a ciência pura e quem trabalha em educação. O linguista que faz aquisição é, muitas vezes, o que tem a vocação para ser como o engenheiro que usa as teorias físicas para entender como produzir energia para determinados fins. Entender como a criança aprende a língua materna é anterior a entender como ela aprende a ler e escrever uma linguagem, cuja forma nem sempre é igual àquela que ela fala. A criança aprende a fala sem instrução, via *seleção* inconsciente de parâmetros, meramente diante de um “input” da comunidade. Já, na escola, haverá a aprendizagem que depende de *instrução*. O linguista especialista em aquisição pode fornecer ao educador as chaves para uma aprendizagem da escrita bem sucedida.

3. Quais os desafios que se colocam para as pesquisas em aquisição da linguagem hoje?

Os desafios dependem da linha teórica que se adota. Falarei estritamente da minha visão como gerativista.

Na visão de Princípios e Parâmetros, da teoria chomskiana, existem dois conceitos cruciais na aquisição: o conceito de gramática nuclear (*core grammar*), e os conceitos de Língua -I (interna, intensional e individual), distinta da língua-E (externa e extensional) (Chomsky 1986). A criança atinge uma gramática nuclear via *seleção* entre dois valores existentes na Gramática Universal (+) ou (-). A língua-I do adulto letrado pode ter, além da gramática nuclear, aspectos de uma segunda gramática em sua periferia (Chomsky 1988), exibindo o que Kroch (1994) chama de competição de gramáticas.

A criança pode ser exposta à língua-E de adultos letrados, isto é, um “input” com variação. Como a criança consegue extrair uma gramática nuclear única diante disso? Somente uma forte crença na GU, a saber, no Princípio da Uniformidade (Chomsky 2001,2) explica ela chegar a uma única gramática.

É com o reforço via instrução escolar que a criança adquire as formas não vernaculares. Exemplificando com Correa (2001), a autora mostra que os clíticos de terceira pessoa existem na fala das crianças somente a partir da 5ª série escolar, e somente a partir da 3ª série na sua escrita. São os clíticos nulos (objetos nulos) e pronomes fracos retos que aparecem nas fases anteriores, desde a sua gramática nuclear (Kato 1994). Correa mostra que o mesmo comportamento se verifica na fala de analfabetos.

Na abordagem gerativa, a aquisição da gramática nuclear tem não só evidências no final da aquisição (antes da escolarização), mas tem o suporte da teoria, a saber, a aquisição definida como fixação de parâmetros. Como o falante atinge a língua-I do adulto letrado é um problema que um linguista como muitos de nós vem enfrentando (cf. Kato, Cyrino e Correa, 2009). Para definir o que é esse conhecimento, vimos usando os dados da língua-E do adulto letrado, mas o caminho mais certo para isso seria enfrentar a metodologia experimental na sintaxe, o que poucos vêm enfrentando no Brasil.

REFERÊNCIAS

Chomsky, N. 1986. **Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use**, New York, Praeger.

_____. 2010. Some simple evo devo theses: how true might they be for language, em R.K. Larson, V. Deprz and H. Yamakido (Orgs.), **The Evolution of Language: Biolinguistic Perspectives**, Cambridge, Cambridge U. Press.

Kato, M.A. 1994. A Theory Of The Null Object And The Development Of A Brazilian Child Grammar, em R. Tracy E E. Lattey (Eds), **How Tolerant Is Universal Grammar**, Tübingen: Niemeyer; 125-153.

Kato, Mary A., Sonia M.L.Cyrino & Vilma R. Correa (2009) Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling, em A. Pires e J. Rothman (Eds.), **Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition**, Berlin/New York, Mouton de Gruyter: 245-272.

Kroch, A. 1994. Morphosyntactic variation, em K. Beals et al. (Eds). **Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory**, Chicago, Chicago University Press: 180-201.

1. Você acredita que haja convergências entre algumas abordagens para o estudo da aquisição da linguagem em voga hoje no Brasil? Em que direção há aproximações ou distanciamentos?

Em primeiro lugar, é preciso identificar abordagens em voga hoje no Brasil. Há quase 20 anos, num artigo que visava a situar a pesquisa em AL no Brasil na trajetória do desenvolvimento desse campo em um contexto mais amplo, identifiquei basicamente três tendências predominantes: uma alinhada a uma perspectiva construtivista/ sócio-interacionista, que havia, em certa medida, inaugurado o campo da AL no país na década de 70, e outras duas que se estabeleceram na década de 80 - uma voltada para os estados da gramática da criança ao longo do tempo e as condições que promovem sua mudança no desenvolvimento, à luz da concepção de Princípios e Parâmetros, e outra voltada para o processamento do material linguístico pela criança ao longo do desenvolvimento, em um enfoque psicolinguístico. A primeira tendência foi apontada como a mais característica do estudo da AL no Brasil até então e não se via sinalizada, na época, a possibilidade de articulação entre esta e as demais tendências, ou mesmo entre aquelas entre si. De lá pra cá, percebo não só uma alteração no peso relativo de cada uma dessas tendências no volume/visibilidade da produção acadêmica no país, como uma aproximação entre vertentes de orientação linguística (gerativista) e psicolinguística. Um rápido levantamento do que vem sendo feito hoje em AL no país aponta para o crescimento da vertente gerativista, com forte presença da língua de sinais, e da vertente psicolinguística, que passou a incorporar o processamento do material linguístico pela criança antes da produção da fala no processo de identificação da gramática da língua. Percebe-se hoje também o crescimento de uma linha de investigação que explora uma perspectiva multimodal, como um possível desdobramento da vertente sócio-interacionista.

A aproximação que vejo entre tendências de orientação linguística e psicolinguística (constatada em congressos, bancas, coautorias), por um lado, advém, a meu ver, da busca por uma metodologia experimental por parte de pesquisadores de orientação linguística, que tradicionalmente fazem uso de dados da fala espontânea, ou de tarefas de julgamento de gramaticalidade, diante da constatação de que o desempenho linguístico da criança é afetado por uma série de fatores pertinentes ao processamen-

to linguístico – fato esse a ser considerado quando se caracteriza o estado da língua interna em desenvolvimento. Por outro lado, a aproximação da parte de psicolinguistas em direção a uma teoria de língua se faz possível em função dos desenvolvimentos da teoria gerativista no contexto do Programa Minimalista, uma vez que os chamados “sistemas de desempenho” são trazidos para explicar a natureza das restrições à forma das gramáticas. Esse programa permite, então, que se elimine uma série de pseudodiscordâncias entre as perspectivas linguística e psicolinguística, particularmente, no que diz respeito (i) ao que tomar como estado inicial do processo; (ii) à possibilidade de processos/recursos não específicos do domínio da linguagem atuarem no modo como informação específica de uma língua é identificada (levando em conta princípios de processamento/computação eficiente, por exemplo). É claro que estamos falando das tendências não empiristas/menos empiristas da psicolinguística (i.e. em que se supõe uma faculdade de linguagem, com determinantes inatos do desenvolvimento linguístico) e não das vertentes mais empiristas que exploram a possibilidade de processos de natureza probabilística atuarem de forma exclusiva na identificação de gramáticas (ou mesmo na negação de gramáticas). Ao mesmo tempo, a retomada de um modelo derivacional para a geração de sentenças, a ideia de derivação a partir de uma “numeração” (conjunto de elementos recuperados do léxico, a partir do qual a computação de uma expressão linguística é conduzida), o conceito de “fase”, por exemplo, permitem, a meu ver, que se considere a possibilidade de uma articulação explícita entre o modelo formal da computação linguística, caracterizada em estado virtual na teoria linguística, e modelos do processo de produção e de compreensão de enunciados linguísticos, desde que as imposições do processamento de natureza incremental, ao longo do tempo, sejam levadas em conta na caracterização da computação em tempo real.

No que concerne a distanciamentos, é interessante observar que nem sempre psicolinguistas que vêm atuando sob uma perspectiva não/menos empirista reconhecem a possibilidade de articulação com a concepção de língua interna, que hoje se apresenta na teoria gerativista (que, na verdade, em nenhum momento defendeu a exclusividade de recursos e procedimentos específicos do domínio da linguagem no que foi apresentado como LAD). Linguistas, por sua vez, parecem ver pouca relevância na caracterização de um procedimento de aquisição, uma vez que as condições que viabilizam a AL (no curso da evolução da espécie) possam

ser explicitadas de um ponto de vista formal. Creio, contudo, que uma caracterização do processo de aquisição, de um ponto de vista ontogenético e procedimental, pode contribuir para o entendimento do processo filogenético, hoje em evidência (na perspectiva biolinguística), assim como, num viés aplicado, para a criação de formas de intervenção no desenvolvimento atípico. Os distanciamentos entre essas vertentes podem ainda decorrer do quanto é requerido de conhecimento dos detalhes de análises formais da parte de pesquisadores com formação psicolinguística (usualmente oriundos da Psicologia Cognitiva), ou do conhecimento de questões pertinentes ao processamento da parte de linguistas (usualmente sem formação em processos cognitivos básicos e metodologia experimental). Ambos os fatores de distanciamento podem, contudo, a meu ver, ser superados em um trabalho interdisciplinar. O primeiro ponto é mais difícil de transpor, por envolver uma história, fatores ideológicos e sociológicos, na constituição das ciências cognitivas. O segundo é de mais fácil superação por depender de informação e instrumentação específica (havendo motivação). Há, entretanto, distanciamentos que parecem, intransponíveis no campo da AL, como se constata diante de posicionamentos radicais no âmbito da vertente construtivista-sociointeracionista, no sentido de afirmar a incompatibilidade do que entendem por língua com concepções de natureza formal ou com a própria problematização da AL. Tendências multimodais podem, não obstante, a meu ver, ser, em certa medida, articuladas com as demais tendências hoje vigentes, quando se consideram questões relativas ao tipo de informação que pode vir a alimentar a aquisição de uma língua a partir do que se faz legível nas interfaces (da língua interna com o aparato envolvido no processamento linguístico). Há, ainda, tendências emergentes (envolvendo sistemas dinâmicos, autoregulatórios) que, a princípio, se distanciam da ideia um estado inicial restritivo assumido nas vertentes menos empiristas do estudo da AL, mas que talvez não se mostrem totalmente incompatíveis quando o papel dos fatores específicos e não específicos do domínio da língua no desenvolvimento linguístico for clarificado.

2. Que papel, você acredita, que a tecnologia pode desempenhar na pesquisa em aquisição da linguagem?

A tecnologia tem desempenhado um papel bastante relevante desde os anos 70 quando foi explorada, no contexto da AL, a técnica da sucção não nutritiva. Outras metodologias vieram a ser criadas para a avalia-

ção de habilidades perceptuais, discriminatórias, classificatórias do bebê diante do material linguístico. Estas incluem a Escuta preferencial (HPP - *Headturn preference procedure*), particularmente no diz respeito a propriedades de natureza fonética, fonológica e morfofonológica; a Fixação preferencial do olhar (*Preferential looking*), que pode ser utilizada a partir do 18 meses, e o rastreamento ocular, particularmente com crianças a partir de 3 anos, para distinções de natureza sintática/semântica. Ainda, a encefalografia é uma técnica que vem sendo mais recentemente utilizada em laboratórios de forma a captar respostas eletrofisiológicas do cérebro de crianças e bebês diante de estímulos linguísticos, o que pode permitir diferenciar precocemente crianças em risco de problemas de linguagem.

3. A pesquisa em aquisição da linguagem tem vocação para aplicação em educação?

Acredito que toda a pesquisa científica tenha essa vocação na medida em que pode informar a ação do professor, habilitando-o a promover o desenvolvimento das potencialidades da criança/adolescente/jovem em interação com o meio físico e social, seja por meio de experimentação, da dedução/indução ou do questionamento de verdades estabelecidas, diante da consciência dos limites de um dado estado de conhecimento científico. Entendo que educação envolve manter e ativar a curiosidade da criança/aluno diante do mundo e fornecer ferramentas que lhe permitam refletir e agir sobre este. Cabe, assim, ao professor apresentar “prompts” para descoberta, deduções, elucubrações, e quanto mais ciente este estiver do estado-da-arte em um dado campo mais chance terá de apresentar o problema, a dúvida ou o fato novo adequados para desencadear as descobertas da criança/aluno, assim como mais chance terá de criar atividades de natureza meta-cognitiva que explorem as intuições do aluno.

A pesquisa em AL visa a explicar de que modo o processo de aquisição de uma língua transcorre e o que o viabiliza. Esse processo pode ser entendido em sentido estrito, como identificação da gramática da língua (o que há de específico na língua em aquisição no que diz respeito à combinação de unidades do léxico de forma estruturada), ou em sentido amplo, como ampliação do vocabulário, desenvolvimento de habilidades discursivas (criar e compreender discursos coesos) e pragmáticas (usar a língua de forma adequada ao contexto), dentre outras. Os resultados da pesquisa em aquisição da linguagem em sentido amplo apontam para as condições que favorecem a ampliação do léxico, para as habilidades requeridas no

planejamento/compreensão do discurso e para a necessidade de criação de um modelo do interlocutor e do contexto de fala para que enunciados sejam adequadamente produzidos e interpretados. Esse conhecimento é fundamental na elaboração de tarefas que facilitem a ampliação do léxico (e com isso, a ampliação das bases de conhecimento – outros domínios da cognição - que com este interagem) e na produção de “prompts” que tragam à consciência o que é requerido em um modelo do interlocutor e da situação, de forma a tornar o uso/domínio da linguagem efetivos diante de objetivos específicos. Os resultados da pesquisa em aquisição da linguagem em sentido estrito são mais esquivos, dado que o processo transcorre nos primeiros anos de vida de forma surpreendentemente rápida. De todo modo, as “pistas” para a identificação da gramática da língua que se apresentam na morfologia e na ordenação dos enunciados ou mesmo na prosódia (como por exemplo, os determinantes e suas formas; os morfemas flexionais de concordância de gênero, número e pessoa; os morfemas de tempo, aspecto, modo; os conectivos introdutórios de orações como constituintes; as alterações possíveis na ordem canônica dos constituintes da oração), se tornadas conscientes, podem contribuir para a percepção de diferenças entre variedades da língua, para diferenças entre modalidades (oral/escrita) e para a própria otimização dos recursos necessários ao processamento linguístico em condições de alta demanda cognitiva (como no processamento da língua escrita, em períodos complexos, na leitura de instruções, enunciados de problemas, de reportagens, ou mesmo na compreensão da linguagem oral expositiva e na expressão oral em contextos formais/semi-formais – sem falar do instrumental para a criação poética/literária que a consciência dos processos linguísticos pode trazer). Desse modo, o professor estaria explorando os próprios recursos e processos de que a criança naturalmente se utiliza, ao apresentar formas culturalmente desenvolvidas de linguagem. Um entendimento do curso natural do desenvolvimento linguístico também pode contribuir para a identificação de defasagens no desenvolvimento, cuja superação pode vir a ser atingida via um trabalho que explore os recursos e processos naturais, de forma mais intensa, talvez, do que a que seria explorada de forma regular.

3. Quais os desafios que se colocam para as pesquisas em aquisição da linguagem hoje?

Creio que é o desafio de uma interdisciplinaridade real, bem articulada – ou seja, com o entendimento de conceitos gerados em áreas distin-

tas à da formação do pesquisador, com a criação de conceitos e métodos decorrentes do diálogo entre áreas, e não meramente a transposição de conceitos de um para outro domínio. Para as novas gerações, essa interdisciplinaridade deve ser construída na formação em nível de graduação e de pós-graduação, superando-se as fronteiras altamente limitadoras do potencial criativo humano como as que existem entre ciências (biológicas, exatas) e humanidades. Considero que toda a orientação para especialização precoce em subáreas, para a eliminação de conteúdos para os quais o aluno não “vê” necessidade (já no ensino médio!) e a ausência de um currículo diversificado na graduação são contraproducentes não só para a formação de pesquisadores em aquisição da linguagem, como para a formação intelectual em geral. Um desafio mais prosaico para a pesquisa em AL é chegar-se a um entendimento de que o trabalho a ser conduzido em creches, escolas ou hospitais pode não trazer um retorno imediato, mas pode contribuir para a criação das bases para futuras ações em diferentes domínios. Com isso aumentaria a colaboração de escolas, professores, pais, para a atividade de pesquisa a ser conduzida com crianças nesses ambientes e em laboratório/ambientes montados especificamente para esse fim.

4. Fale um pouco sobre o seu laboratório. Qual o principal foco de interesse? Que resultados alcançados você gostaria de salientar?

O principal interesse do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) reside no estudo dos processos de produção, compreensão e aquisição da linguagem, levando em conta uma teoria de língua. Muito da pesquisa psicolinguística é conduzida de forma paralela aos desenvolvimentos da linguística e a pesquisa linguística é caracteristicamente conduzida de forma dissociada de questões de processamento com respaldo experimental. Tudo isso tem uma história que não terei espaço para contar. Mas creio que essa situação é ruim para o entendimento da produção, da compreensão da linguagem e da própria natureza do conhecimento linguístico. A atividade do LAPAL busca então esse tipo de articulação, que vem, de fato, sendo buscada desde minha tese de doutorado, no início da década de 80 mas que foi facilitada, a meu ver, a partir do desenvolvimento do Programa Minimalista. O LAPAL desenvolve, então, desde de sua implantação, no início dos anos 2000, um programa de pesquisa em 3 eixos: articulação processador-gramática; aquisição da linguagem via processamento de informação

legível nas interfaces da língua interna com o aparato processador; dificuldades de linguagem (seja no processo de identificação da gramática da língua, seja na implementação de procedimentos efetivos de análise e formulação de enunciados). Nesse sentido, o grupo de pesquisa do LAPAL (que incluiu professores, vinculados à mesma linha de pesquisa do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, pesquisadores-colaboradores de outras universidades - como a UERJ -, alunos de IC, mestrado, doutorado e eventuais pesquisadores em estágio pós-doc) vem trabalhando no desenvolvimento de um modelo (uma caracterização procedimental) da computação sintática conduzida em tempo real, de forma a ser integrada em modelos de produção/compreensão da linguagem; no estudo do processo de identificação de aspectos da gramática do português (com potencial extensão para outras línguas) como gênero, número, pessoa, aspecto, modo – informação legível na morfologia da língua; assim como na identificação de nós recursivos (como em completivas e relativas) e na habilidade de lidar com o custo do processamento desse tipo de estrutura. Temos lidado também com a relação entre recursividade na língua e habilidades numéricas, com possíveis relações entre desenvolvimento linguístico e habilidades pertinentes à Teoria da Mente, o que nos leva a questões relativas à definitude, especificidade e referência em geral. Mais recentemente, lidamos com a questão da variabilidade linguística no que tange à opcionalidade e à fixação de “micro-parâmetros”. Como se considera que o desenvolvimento linguístico culmina em um estado estável de conhecimento e em um estado estável de habilidades de processamento linguístico, buscamos caracterizar este último, trabalhando com o processamento do adulto, com foco em estruturas de alto custo (relativas, passivas, por exemplo). O trabalho em aquisição da linguagem cobre desde uma fase inicial (9 -18 meses) – identificação da presença da forma fônica de elementos funcionais, seguindo para a primeira infância (entrada na morfologia/sintaxe da língua) e desenvolvimentos tardios (na interface gramática-pragmática e no domínio de habilidades de processamento em situações de alta demanda). Paralelamente ao estudo do processo de aquisição típico buscamos rastrear problemas de linguagem na sintaxe, na morfossintaxe e na interface gramática-pragmática de forma a entender o que pode estar comprometido em transtornos da linguagem. Quanto aos resultados, creio que o que mais me chama atenção, dentre o que já obtivemos, diz respeito à classificação de nomes em classes

de gênero com base na informação do determinante e em função de um pressuposto de haver concordância em domínios locais, por volta dos 22 meses de idade, o que faz com que os “erros” de gênero sejam mínimos em crianças, ainda que esse seja um conhecimento de natureza gramatical dos mais difíceis de serem adquiridos numa segunda língua.

Entrevista com Ruth E. V. Lopes (UNICAMP)

1. Você acredita que haja convergências entre algumas abordagens para o estudo da aquisição da linguagem em voga hoje no Brasil? Em que direção há aproximações ou distanciamentos?

Acredito que é muito importante que nos ouçamos, mas não acredito que estudos que partem de diferentes perspectivas epistemológicas possam convergir. Não parece impossível considerar que mesmo o mais “empedernido comportamentalista” tenha que admitir alguma estrutura inata para diferentes sistemas de conhecimento; contudo, o que ele admitirá será um sistema geral de aprendizagem. Compare-se essa perspectiva com a de um gerativista, em que se admite que diferentes sistemas cognitivos lidarão com diferentes informações. Já não se prevê um sistema geral de cognição, mas um modular. Acrescente-se a isso o que cada modelo toma como relevante para o processo: associações e analogias, a “manipulação” do mundo, a interação entre a criança e outros agentes sociais, ou a exposição a uma língua. As previsões que cada perspectiva faz são muito distintas. E me parece que “o júri ainda está reunido”; em outras palavras, não creio que tenhamos decidibilidade empírica suficiente para um lado ou outro. Portanto, todos temos muito a trabalhar ainda, independentemente das vocações teóricas.

2. Que papel, você acredita, que a tecnologia pode desempenhar na pesquisa em aquisição da linguagem?

Acredito que o mesmo que desempenha em qualquer outra área de pesquisa. As pesquisas avançam à medida em que há novos instrumentos que possam ser utilizados.

Temo, contudo, que o barateamento da tecnologia leve a pesquisas vazias. Não adianta ter, por exemplo, um aparelho de ressonância magnética à disposição, se a pergunta de pesquisa não estiver adequada, se não houver hipóteses claras cujas previsões possam ser verificadas empiricamente.

3. A pesquisa em aquisição da linguagem tem vocação para aplicação em educação?

Os resultados obtidos em pesquisas sérias deveriam ter um impacto sobre a educação. Ocorre que preencher o espaço entre o resultado de uma pesquisa e a sua chegada às salas de aula passa por muitos obstáculos.

culos, quase intransponíveis. A pesquisa em aquisição deveria fornecer subsídios para as primeiras séries do ensino fundamental. Ocorre que justamente essas séries são atendidas, por força de lei, por educadores sem formação em área específica, com formação em pedagogia. Não aprendem sobre fonologia – e como poderão entender o processo de aquisição fonológica, por exemplo, e sua consequência para a alfabetização? O mesmo é verdade para todo o processo gramatical (morfologia, sintaxe, semântica) e para processos mais posteriores, como a construção da narrativa. Professores sem formação específica, não apenas, não têm acesso às pesquisas, como não conseguem entender como tais resultados podem subsidiar seu trabalho em sala de aula.

Atualmente considero que pior do que não contar com professores especializados nas séries mais avançadas, é não contar com eles nas séries iniciais, que são as cruciais para toda a formação do indivíduo (para evitar a palavra “cidadão”, tão vazia atualmente).

4. Quais os desafios que se colocam para as pesquisas em aquisição da linguagem hoje?

Acredito que o principal desafio, atualmente, seja a falta de linhas específicas de financiamento pelas agências de fomento. Por exemplo, hoje não se pode financiar um “administrador” de laboratório, como se vê nos EUA e na Europa; da mesma maneira, não há bolsas técnicas para alunos que queiram transcrever gravações em estudos longitudinais, ou respostas a experimentos; nem há bolsas técnicas para apoio tecnológico, que seriam bem-vindas, assim como auxílio com as análises estatísticas. Assumo, aqui, que as instituições possam prover espaço adequado para os laboratórios, mas, obviamente, nem isso é simples de obter.

5. Fale um pouco sobre o seu laboratório. Qual o principal foco de interesse? Que resultados alcançados você gostaria de salientar?

Formei o SEAL (Sala Experimental em Aquisição da Linguagem) assim que cheguei à UNICAMP, em 2006-7. Atualmente, com a vinda de mais dois professores que trabalham experimentalmente, o laboratório se expandiu e se transformou no LAPROS (Laboratório em Aquisição, Processamento e Sintaxe). O interesse de todos os envolvidos é sintaxe, a partir de diferentes perspectivas: aquisição, processamento, modelagem computacional. No meu caso, o interesse concentra-se em fenômenos de interface entre a sintaxe e a semântica. Nesses dez anos de existência,

formaram-se 4 mestres, 5 doutores, foram defendidos 11 Trabalhos de Conclusão de Curso e tivemos 9 bolsistas de IC – PIBIC ou FAPESP -, além da supervisão de 5 pós-doutores. Os fenômenos que pesquiso ou aqueles em que me sinto confortável em orientar ficam restritos aos limites da sentença ou ao domínio nominal.